



O ODISSEU

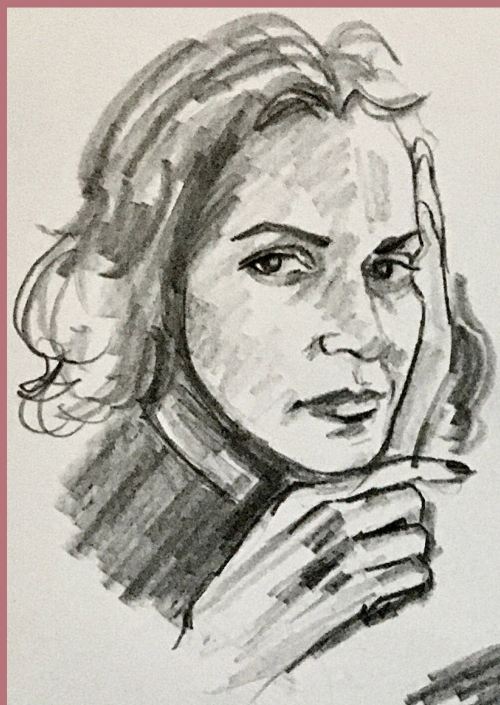
EDIÇÃO 004
MAIO DE 2022

Cartas para Lygia Fagundes Telles

DOSSIÊ SOBRE
A VIDA E OBRA
DA DAMA DA
LITERATURA,
QUE NOS
DEIXOU EM
ABRIL.



Tarcila Tanhã, Mateus Salvadori, Nilton Resende, Jurandy Valença, Ewerton Ulysses Cardoso, Aline Félix, Tônio Caetano, Clarisse Peixoto, Lili Baillargé, Lucas Cafre e outros escrevem sobre Lygia Fagundes Telles.



"É preciso amar o inútil"
Lygia Fagundes Telles
"Ciranda de Pedra", 1954



"[...] Sua grande força me parece estar no psicologismo oculto sob a massa de elementos realistas, assimiláveis por qualquer um. Quem quer uma simplesmente uma estória tem quase sempre uma estória. Quem quer a verdade a verdade subterrânea das criaturas, que o comportamento social disfarça, encontra-a maravilhosamente captadas por trás da estória. Unir as duas faces superpostas, é arte da melhor. Você consegue isso. Tão diferente da patacoada desses contistas que se celebram a si mesmo nos jornais e revistas e a gente lê e se esquece do que escreveram![..]."

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE EM CARTA À LYGIA FAGUNDES TELLES.
RIO DE JANEIRO, 28 DE JANEIRO DE 1966.

TRECHO RETIRADO DA EDIÇÃO DE "ANTES DO BAILE VERDE" DA COMPANHIA DAS LETRAS.



Existem nomes que ressoam em nossa memória. Nomes que ouvimos em algum lugar e ficam, embora não saibamos exatamente o que significam e, no caso dos substantivos próprios (nome de gente), quem são. Certos nomes da literatura brasileira se apresentaram, e se apresentam, assim para mim: apenas nomes, os conheço, por nome, por som, pela forma como se manifestam no espaço físico, mas sem os conhecer de fato, sem saber quem são, o que fizeram. Por muito tempo alguns escritores foram assim em mim, apenas nomes. Não falo desses mais conhecidos e que crescemos com amplo acesso aos seus textos, como Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos, Clarice Lispector. Falo de outros, mais discretos, mais simbólicos, que ouvimos aqui e acolá numa reportagem de televisão, num seminário educacional, numa fala de um professor. Foram assim para mim Caio Fernando Abreu, Ferreira Gullar, Ana Maria Machado, Hilda Hilst... Lygia Fagundes Telles. É engraçado isso, porque recentemente pensei sobre quando ouvi esse nome pela primeira vez. Mas parece que não houve primeira vez. Parece que estava sempre lá, em repouso, esperando o momento em que me chegaria ao consciente, que se apresentaria e dissesse: "Sou eu". Lembro, entretanto, na primeira vez que pensei sobre Lygia Fagundes Telles. Ainda na escola, com 11 anos, quando a professora, interessada em nos falar de narrativas de terror, nos apresentou o conto "Venha Ver o Pôr do Sol". Que li e tremi, suei, sequei a boca e perdi o sono. Na época tinha pavor de cemitérios e hoje não sei qual lugar ocupam em minha mente (tenho pensado muito neles, inclusive). De qualquer forma, Lygia desapareceu de minha mente, ficou apenas isto: um nome. Anos depois a reencontrei, agora já leitor, e me pareceu uma das poucas concordâncias que se tinha entre os leitores: Lygia Fagundes Telles é escritora de primeira. Por isso me propus a reler. E li "Antes do Baile Verde", livro em que o conto que me perseguiu na pré-adolescência está presente. Me reencontrei e então passei a perseguí-la. Criei vínculos que não sei explicar. Temia a sua morte, que obviamente seria em breve, por conta da idade, e por vezes me pegava pensando: "que privilégio, respiro enquanto Lygia Fagundes Telles ainda respira". É macabro, eu sei, mas como explicar? Esse temor, essa angústia, o que não tem governo (nem nunca terá), não tem juízo.

Quando na noite do dia 3 de abril percebi que, pela primeira vez desde que vim ao mundo, dormiria sem que Lygia Fagundes Telles fosse uma pessoa viva, tive medo. Como se fosse um presságio, uma coisa-ruim, uma sensação de abandono. Me conformei na certeza de que a amei enquanto estava viva, embora nunca minhas palavras tenham chegado a ela.

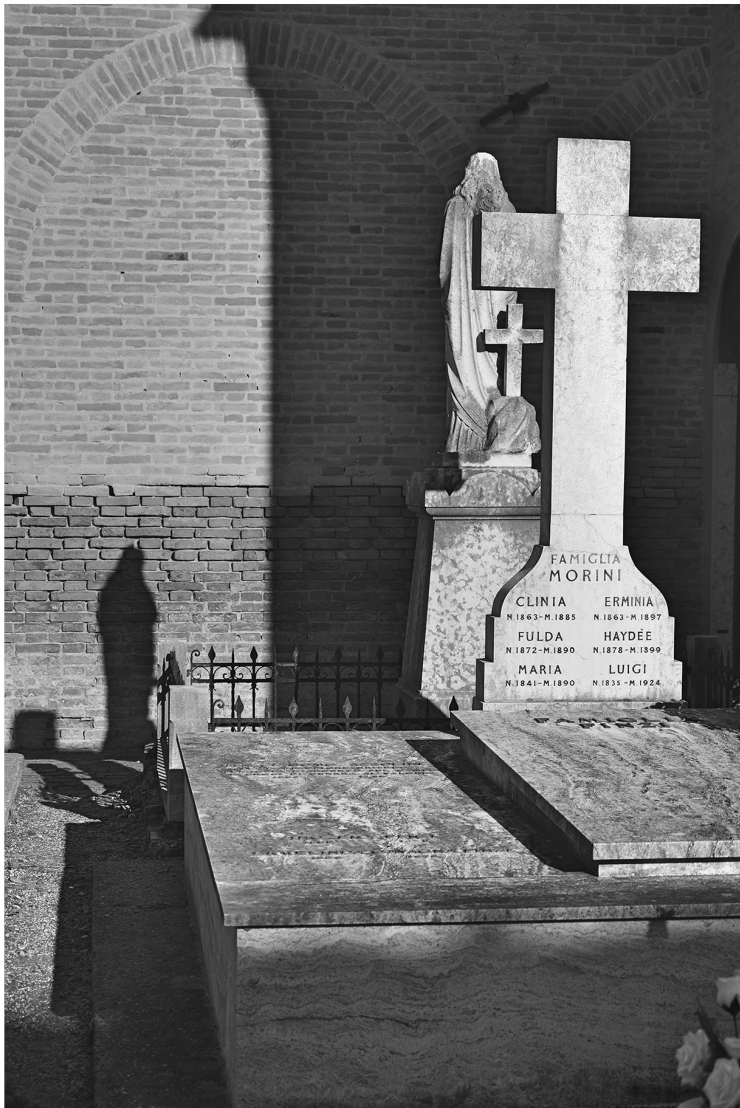
Porque essas pessoas, os grandes, parecem que vivem em minha mente apenas. São tão meus. Penso tanto neles que às vezes me surpreendo que são pessoas de verdade, que andam (ou andaram), têm pele, órgãos, corações que batem, bombeiam sangue.

De certa forma produzir esta revista, esta edição especial, é ressuscitar Lygia em mim (se é que morreu). É me reencontrar com ela, mais uma vez, nessas estradas.

E aqui vai um fato curiosíssimo, pois no começo do mês de Abril disse aos colunistas e colaboradores da Revista O Odisseu: Vamos escrever sobre Lygia, já que este é o mês de seu aniversário (em abril, mas ficaria para a edição de Maio). No dia seguinte morreu. E a notícia me chegou como um susto, porque eu sabia que morreria antes de sair essa edição. E saberia que iríamos repaginar para fazer o tributo pôs a sua morte. Recusava-me, entretanto, em aceitar o que já estava por decidido nas entrelinhas do destino.

EWERTON ULYSSES CARDOSO

Editor-Chefe e Criador da Revista O Odisseu.



“ - Mas é esse abandono na morte que faz o encanto disto. Não se encontra mais a menor intervenção dos vivos. Veja - disse apontando uma sepultura fendida, a erva daninha brotando insólita de dentro da fenda - o musgo já cobriu o nome na pedra. Por cima do musgo ainda virão raízes, depois as folhas... Esta, a morte perfeita, nem lembrança, nem saudade, nem o nome sequer. Nem isso.”

TRECHO DO CONTO “VENHA VER O PÔR DO SOL”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES, PRESENTE NA COLETÂNEA DE CONTOS “ANTES DO BAILE VERDE” (COMPANHIA DAS LETRAS).

PRIMEIRA FOTO DE SERENA SAPORO, E SEGUNDA FOTO DE CASSIANO K. WEHR. AMBAS RETIRADAS DO BANDO DE FOTOS DIGITAL UNSPLASH.





IMAGEM: <https://tusografias.wordpress.com/2012/06/18/lygia-fagundes-telles-e-cecilia-meireles-1945/>

LYGIA FAGUNDES TELLES E CECÍLIA MEIRELES EM 1945

“Quando eu era adolescente entrei para o seminário. Queria ser padre. Depois de alguns anos, acabei desistindo dessa ideia. Mas algo ocorreu nos anos que passei no seminário, ou melhor, na biblioteca do seminário: eu me tornei leitor. Foi ali, na biblioteca repleta de obras de pensadores medievais, como Agostinho, Anselmo e Tomás de Aquino que encontrei os contos da Lygia. E foi por meio dela que comecei a amar a leitura e a literatura. Antes a leitura era apenas uma obrigação. Por meio dela e de seus textos, de tornou uma paixão. Cheguei a enviar alguns dos meus contos para concursos literários, usando o codinome “Lygia”. Hoje sou professor e escritor de filosofia, mas meu amor pela literatura continua vivo e forte. E esse amor começou lendo os contos de uma das maiores contistas do mundo: Lygia Fagundes Telles.”

MATEUS SALVADORI - É doutor em filosofia e professor universitário. Tem um canal no Youtube onde fala sobre filosofia.

“O título de um livro da Lygia define bem como ela era: um coração ardente. Essa pulsão de vida transparece nas histórias que escreveu, mesmo quando marcadas pelas sombras, em episódios inesquecíveis de sua biografia. É difícil esquecer do relato da escritora segundo o qual um leitor decidiu não tirar a própria vida por causa da leitura de uma história sua; assim como daquele em que uma jovem vai à prisão dar um abraço em Monteiro Lobato, a quem não conhecia senão pelos seus livros. Tanto num caso como no outro, é o ímpeto do coração apaixonado que ilumina os espaços sombrios da existência.

LUCAS CAFRE - Advogado, criador do canal do Youtube “Diário de Leitura”.

IMAGEM: <https://cultura.estadao.com.br/fotos/literatura/lygia-fagundes-telles.572018>



LYGIA FAGUNDES TELLES E MONTEIRO LOBATO EM 1946



LINHA DO TEMPO

Ainda na adolescência manifestou-se a paixão, ou melhor, a vocação de LFT para a literatura incentivada pelos seus maiores amigos, os escritores Carlos Drummond de Andrade e Erico Verissimo. Contudo, mais tarde a escritora viria a rejeitar seus primeiros livros porque em sua opinião “a pouca idade não justifica o nascimento de textos prematuros, que deveriam continuar no limbo”.

Ciranda de Pedra (1954) é considerada por Antonio Candido a obra em que a autora alcança a maturidade literária. LFT também considera esse romance o marco inicial de suas obras completas. O que ficou para trás, “são juvenilidades”.



IMAGEM: <http://www.elfikurten.com.br/2013/04/lygia-fagundes-telles-inventora-de.html>

Lygia Fagundes Telles, Antonio di Benedetti e Clarice Lispector, 1974.

- Congresso da Nova Narrativa Hispano-Americana, Universidade de Cali, Colômbia

Querida Lygia,

Sinto-me um pouco acanhada ao escrever-te, pois sei que Drummond e Clarice já o fizeram diversas vezes e com a maestria da qual não fui agraciada. Porém, como já te conheço um pouco, dos teus contos e entrevistas, penso que não irás julgar a forma e sim o conteúdo.

O que me faz escrever essa carta é algo bem simples, que só você poderá me responder. Na verdade, são alguns questionamentos que têm me tirado a paz:

O pai da Tatisa estava vivo quando ela voltou do Baile Verde? A Lu apanhou do marido pelo atraso? Alguém encontrou a Raquel, presa no cemitério?

Já são três perguntas em apenas dois contos, se você respondesse apenas essas, eu já ficaria mais tranquila, mas sei que tranquilidade não era algo que você buscava, pois se fosse, não teria rompido tantas barreiras, não teria sido pioneira em tantas frentes, nem escrito contos tão perturbadores, incômodos, incríveis.

Queria perguntar-lhe também, se o seu encontro com a Morte foi como você sonhou, se ela é aquela névoa branca que envolve e torna fácil morrer...espero que sim. Espero que tua partida tenha sido tão poética quanto teu sonho com esse momento.

Ao despedir-me, queria que soubesse que tua vida e obra foram exaltadas durante tua despedida e assim continuarão sendo por gerações, pelo menos meu amigo Ewerton tem se esforçado para isso, e eu vou tentar ajudá-lo.

Carinhosamente,

ALINE FÉLIX

Editora da Revista O Odisseu, e criadora da página "Fração de Livro".

Porto Alegre, 24 de abril de 2022.

É manhã de domingo, Lygia. Mais cedo reli *Uma branca sombra pálida*. Ontem foi o Dia Mundial do Livro. Acabei no samba, era também dia de São Jorge, o Ogum patrono da poesia, aquele que nos ajuda a direcionar o axé com coragem e honra.

Cara lavada, quarenta anos em poucos meses, já não há "no ar aquele indefinível cheiro de juventude", Lygia. Tenho uma xícara enorme em minha frente. Aquele estranho chá de Macela e Espinheira Santa. Agora as coisas estão cada vez mais assim, um para um, o silêncio sempre exigindo o seu quinhão ao fim da festa.

Talvez você tenha entendido o sentido da tapeçaria no fundo da loja, Lygia. Eu já não sei se consigo entender. São tantas coisas, então, mesmo na ambiguidade, guardo a voragem da fé que, talvez, a palavra possa ainda alguma coisa além da indignação da caçada.

Alguma ressurreição precisa ser possível, Lygia. Algo além das páginas, do cheiro do papel, do alfabeto, do objeto, da revelação deste "enorme espaço perdido".

Há momentos, Lygia, ouvindo meu coração enquanto escrevo, que levanto a cabeça varando na janela este céu tão azul inocente quanto os olhos de Gina.

Lygia, comecei a juntar estas palavras no celular, mas tive que levá-las para o papel, assim como se um carteiro pudesse, ao modo antigo,

Cumpriste, Lygia, sem participar do "ritual das belas frases, das belas imagens sem a beleza".

Cumpriste "até o infinito o ofício da paixão", esse nosso exercício íntimo em direção ao amor.

E assim, 98, 103, ainda é pouco tempo pra quem fica, Lygia. Queremos sempre mais de quem se insere dentro de nós, de quem nos dá alguma coisa. E você nos deste.

O inestimável, Lygia, o inestimável.

TÔNIO CAETANO

Escritor, autor do livro "Terra nos Cabelos",

Colunista da Revista O Odisseu.

“Quero lembrar que na língua portuguesa, ao contrário de muitas outras línguas, usam-se poetas e poetisas, autor e autora. Poetisa, por exemplo, ridiculariza a mulher-poeta. Com Lygia, há o hábito de se escrever que ela é uma das melhores contistas do Brasil. Mas do jeitinho como escrevem parece que é só entre as mulheres escritoras que ela é boa. Erro. Lygia é também entre os homens escritores um dos escritores maiores. Lygia ainda por cima é bonita”.

CLARICE LISPECTOR

Na introdução da entrevista que fez à Lygia Fagundes Telles, em 1977 (ano em que faleceu) para a Revista Manchete e Fatos e Fotos - Entrevista pode ser lida no livro “Clarice Lispector: Entrevistas” (ROCCO - 2007).



FOTO DE UGUR ARPACI -
BANCO DE FOTOS UNSPLASH

“ - Você quer que eu fique aqui chorando, não é isso o que você quer? Que eu cubra a cabeça com cinzas e fique rezando, não é isso que você está querendo? - Ficou olhando para a ponta do dedo coberto de lantejoulas Foi deixando no saíote o dedal cintilante - Que é que eu posso fazer? Não sou Deus, sou? Então? Se ele está pior, que culpa tenho eu?

- Não estou dizendo que você é culpada, Tatisa. Não tenho nada com isso, ele é seu pai, não meu. Faça o que bem entender.

- Mas você começa a dizer que ele está morrendo!

- Pois está mesmo.”

LYGIA FAGUNDES TELLES

Trecho do Conto “Antes do Baile Verde”, 1970.
(Companhia das Letras).

"Lygia,
Tenho estado bastante com você, estou lendo seu livro "Antes do Baile Verde" e fazendo algumas leituras dramáticas. Essa é a forma de te ter por perto. O conto "Venha Ver o Pôr do Sol" é um dos meus preferidos e tem uma das imagens mais belas que meus olhos podem imaginar agora: "A Beleza não está nem na luz da manhã, nem na sombra da noite, está no crepúsculo, nesse meio tom, nessa ambiguidade" A cena acontece no cemitério. Há muitos anos adaptei esse texto para o teatro. Foi um dos meus primeiros trabalhos com dramaturgia. Obrigada por ter despertado esse portal. Mais uma vez obrigada por tudo."

TARCILA TANHÃ

Atriz - Criadora do Podcast Segredo de Liquidificador e do Canal do Youtube VRA TATÁ.



Querida, Lygia
Muito obrigado!!! Começo essa carinhosa carta simplesmente agradecendo pela sua longa vida (98 ou 103 anos). Sei que não terei oportunidade de sentar com você e ofertar o meu chimarrão e bater papo. Agora a minha singela homenagem será realizada bebendo meu chimarrão e lendo as suas obras.

Quando lemos um livro impactante ele reverbera em nosso dia a dia. E "As meninas" que carinhosamente chamo de "As gurias" faz isso o meu dia a dia. Livro que conheci a partir de conversa em live no Instagram com o amigo Ewerton, editor do O Odisseu.

Lendo "As meninas" e me deparo com as jovens Lia de Melo Schultz (Lião), aguerrida na luta por um Brasil melhor em um periódico triste da nossa história. Lorena Vaz Leme estudante de Direito, leitora de Guevara e apaixonada por M.N. Ana Clara a porra louca das meninas que infelizmente consumia drogas e ao mesmo tempo vislumbrava uma nova vida. Ano que vem será diferente. História que narra o amor, luta, uso de drogas, aborto, masturbação, sexualidade, liberdade de expressão em tempos duros de Ditadura Militar no Brasil. Ousada você dona Lygia. E que faz as minhas horas de leitura um momento muito agradável. Lygia, você já é imortal nos corações dos leitores de todas as gerações.

ALINE DE FRAGA SULZBACH

Criadora da Página "Páginas para Leitura" e Colunista da Revista O Odisseu.



No momento em que lhe escrevo, todos ainda sentimos a sua ausência. Nunca é fácil a hora da despedida. Por 103 lindos anos, fomos contemplados com o seu brilhantismo, com a sua lucidez, com a sua visão tão singular e tão bela do mundo. Fomos encantados com suas palavras sempre tão certas e com o seu jeito sempre tão doce.

Agora, onde antes havia você, resta uma fenda no tempo-espaço, nos inundando com sua falta. Entretanto, não cabe a nós, seus leitores, ficarmos tristes, revoltados ou esbravejarmos inutilmente contra os caprichos da Mãe Natureza, que insiste em tornar a vida efêmera, um sopro. Onde ansiamos por vírgula, ela estabelece pontos finais.

Estivemos no mundo e dividimos instantes com a Dama da Literatura Brasileira. Sua obra permanecerá, mesmo quando todos perecermos e voltarmos a ser poeira carregada pelos ventos. E isso há de bastar.

Sabe, Lygia, não sei bem como colocar em palavras tudo o que você colocou no meu coração. Não, na verdade, nada foi, de fato, colocado. Sua escrita despertou o meu coração e fez com que ele passasse a determinar os próximos a serem percorridos na minha vida, tão pequena, tão insignificante. Mas minha. A única que tenho.

Peço desculpas se estiver sendo um pouco incoerente, mas não tenho a mesma facilidade com as palavras que você. Às vezes, tropeço nelas. Outras vezes, me sinto atropelada por elas. Fato é que nem sempre consigo dizer o que queria. E nem sempre consigo saber o que é que queria dizer.

Mas, quando penso em você, Lygia, me vem à cabeça uma memória extremamente vívida. No dia 31 de dezembro de 2020, eu concluía a leitura do seu romance "Ciranda de Pedra". Quando fechei aquele livro, não sabia ainda que estava começando um movimento para concluir um ciclo também. Até então, a palavra "epifania" não me dizia muita coisa.

É que um trechinho, que hoje eu considero o meu preferido de toda a Literatura, me obrigou a ressignificar toda a minha visão de mundo:

"Ouça, Virginia, é preciso amar o inútil. Criar pombos sem pensar em comê-los, plantar roseiras sem pensar em colher as rosas, escrever sem pensar em publicar fazer coisas assim, sem esperar nada em troca. A distância mais curta entre dois pontos pode ser a linha reta, mas é nos caminhos curvos que se encontram as melhores coisas. A música - acrescentou, detendo-se ao ouvir os sons distantes de um piano num exercício ingênuo. - Este céu que nem promete chuva - prosseguiu. Aquela estrelinha que está nascendo ali... Está vendo aquela estrelinha? Há milênios não tem feito nada, não guiou os Reis Magos, nem os pastores, nem os marinheiros perdidos. Não faz nada. Apenas brilha. Ninguém repara nela porque é uma estrela inútil. Pois é preciso amar o inútil porque no inútil está a Beleza. No inútil também está Deus."

CLARISSE PEIXOTO -
Advogada, Colunista da Revista O Odisseu e
Criadora da Página Clareading.



Em 1981, a TV Globo adaptou "Ciranda de Pedra" para telenovela. A adaptação foi de Teixeira Filho e a atração contou com Eva Wilma no elenco. Em 2008 a novela voltou a ser adaptada.



Querida, Lygia

Da tua missa, eu não sei nada, ou quase nada, li "A Espera" uma semana antes da tua morte, uma das únicas informações sobre ti que recebi junta aos outros que te apreciavam, eram cercados por quem te apreciava ou apenas estavam rolando o feed de uma rede social, um aplicativo de mensagens, passando na frente da TV naquela manhã de domingo três, ou na banca de jornais na segunda-feira, arranjando um espaço numa mente apressada pelo dia que está por vir para olhar algo que não fosse o caminho a frente. A outra foi sobre teus cinco anos a mais, o primeiro mistério relevado a mim que olha para ti e só vê mistério, uma vida inteira para se descobrir. E missa parece caber bem para falar de ti, há uma paixão inflamada, uma veneração, adoração, encanto, uma irracionalidade que escapa na fala, na escrita, mesmo que venha da/do mais contida/contido resenhista, cronista, jornalista quando repassa uma urgência de conhecer sua palavra, essa palavra de mundos perdidos, amores perdidos, paraísos perdidos, famílias e "eus" despedaçados, reorganizados e então recompostos para ganhar o mundo, para ganhar a eternidade a cada visita de uma/um leitora/leitor ávida(o) por história para se guardar. Ainda não sei exatamente pelo que lamentar, esse amargor deve vir cada fim de frase, página, livro, que certamente arderá, queimarão quando não sobrar mais nada de novo, então só me restará me conformar e revisitar num novo tempo, numa nova emoção, para ser atingida de uma nova maneira, penso que um bom livro nunca é o mesmo, os teus jamais serão.

Eu que nunca conheci Lygia Fagundes Telles,

LILI BAILLARGÉ - Criadora da Página The Dark Side of Rainbow e Colunista da Revista O Odisseu.

Lygia Fagundes Telles: Minha Estrela-Guia.

Tudo começou quando eu estava cursando Letras em 2015. Durante o curso tive o meu primeiro contato com Lygia Fagundes Telles por meio de dois contos emblemáticos: "Venha Ver o Pôr do Sol" e "As Formigas", narrativas estas que me fascinam de um jeito que nenhum outro autor conseguira. De fato, não me lembro ao certo qual dos dois contos eu li primeiro (mistério!), mas me recordo de que nunca mais os esqueci, dado o impacto que ambos causaram em mim quanto pessoa e leitor. Por meio dessas narrativas, fui instigado a ler cada vez mais seus contos, crônicas e romances. Desde então, tenho lido e relido suas obras na íntegra, buscando aprender sempre algo novo e, por muitas vezes, profundo. Como escreveu certa vez Carlos Drummond de Andrade numa carta à Lygia: "Quem quer simplesmente uma estória tem quase sempre uma estória. Quem quer a verdade subterrânea das criaturas, que o comportamento social disfarça, encontra-a maravilhosamente captada por trás da estória". Lygia estabelece conosco (leitores) um pacto de leitura, no qual não somos apenas passivos diante do texto, mas sim cúmplices do ato criativo e, portanto, concebemos sua literatura a partir dos nossos olhos e de nossa bagagem cultural e literária. Enfim, com o passar dos anos, aprendi que ler Lygia Fagundes Telles tornou-se para mim algo simplesmente imprescindível. Tanto é verdade que, ao me aventurar no ato de escrever meus próprios contos, Lygia Fagundes Telles é minha estrela-guia.

JEFFERSON R. GONÇALVES - Professor, Autor de CLARO-ESCURO e Organizador do Clube Arriba Literatura.

Discurso de posse de Lygia Fagundes Telles na Academia Brasileira de Letras, em 1987

Fração do discurso que pode ser lido na íntegra no site oficial da ABL.



“Imaginaí agora uma reunião na linha dos malditos, dos raros. Daqueles que, pelos caminhos mais inesperados, escolhem a ruptura. Fora do tempo e ocupando o mesmo espaço, estão todos numa sala, é noite. Os gênios ignorados num País de memória curta, que parece preferir os mitos estrangeiros como se estivéssemos ainda no século XVII, sob o cativo do reino. Os mitos estrangeiros que continuam nos vampirizando, já estamos quase esvaídos e ainda oferecemos a jugular no nosso melhor inglês, “o vosso amor é uma honra para mim!”. Pois, imaginaí essa reunião com gente aqui da terra: abraçado à sua viola, num canto de sombra, está Gregório de Matos, ouvindo embevecido o piano de Villa-Lobos. Ao lado, um homem pequeno (o Aleijadinho?) diz qualquer coisa que faz Guimarães Rosa rir seu riso luminoso. Tarsila desenha em silêncio, observada por Oswald de Andrade, que gesticula e fala, enquanto Cruz e Sousa se aproxima de Castro Alves, que conversa com Glauber Rocha em tom de conspiração. Vislumbro o perfil de Brecheret. Corre o vinho. Há mais convidados, sim, mas os vultos se esgueiram e se confundem em meio da fumaça penumbrosa dos charutos. Lima Barreto, o moderador da mesa, tira a palheta e começa a falar, mas ninguém presta atenção, reina a indisciplina: “É raro encontrar homens assim – diz ele –, mas os há, e, quando se os encontra, mesmo tocados de um grão de loucura, a gente sente mais simpatia pela nossa espécie, mais orgulho de ser homem e mais esperança na felicidade da raça.”

Pedro Calmon está atento para registrar e interpretar a contraditória História, matéria para a eternidade. Chama Mário de Andrade e aponta, na vidraça da janela, dois olhos verdes que espiam enviesados. Mário abre a porta e o sorriso. O convite é à maneira bandeiriana: “Entra, Clarice, a casa é sua, você não precisa pedir licença...”

Senhores acadêmicos, senhora acadêmica, comecei por narrar as minhas perplexidades naquele modesto laboratório de Química da minha adolescência. Das imprevistas misturas, com suas explosões, passei para o imprevisível homem, com sua circunstância, e, assim, nesse mundo fantástico e surrealista, juntei num forte nó as pontas extremas do fio da baianidade: Gregório de Matos e Pedro Calmon. O herói e o anti-herói. “A disparidade dos seres é acidental”, ensinou Aristóteles. “A unidade dos seres, essa é essencial”. Tudo somado, chegamos às tais “misteriosas combinações” tão do agrado de D. Pedro I, desde que nelas estaria incluído o seu amor pela marquesa.

Senhores acadêmicos, senhora acadêmica, antes de a Academia Francesa de Letras, que foi nosso modelo, receber Marquerite Yourcenar, esta Academia Brasileira de Letras teve o beau geste de abrir suas portas para Rachel de Queiroz. Em seguida, para Dinah. “Não quero um trono – diria também Rachel de Queiroz. – Quero apenas esta Cadeira.”

A mesma paixão que nos une: a paixão da palavra. A mesma luta tecida na solidão e na solidariedade para cumprir o duro ofício nesta sociedade violenta, de pura autodestruição. E neste tempo que está mais para Gregório de Matos do que para Pedro Calmon – ah! quanta matéria para a inspiração do trovador com sua viola demolidora. Um tempo que marca a plenitude da sátira, da charge política: a salvação através do humor. Com esse humor incandescente, ele iria se empenhar de novo na denúncia dos males que desde o século XVII já afligiam o País, centralizados na Política com seus demônios crônicos na delirante corrida pelo poder: o demônio da Gula (leia-se voracidade), o demônio da Vaidade e o demônio da Soberba.”

Lygia Fagundes Telles morreu centenária. Como ela era a melhor amiga de Hilda Hilst, com quem eu morava e trabalhava na década de 1990, sempre que ia para São Paulo na época passava no seu apartamento na rua da Consolação. Sempre elegante, humorada e pontual, Lygia me recebia como se estivesse pronta para um jantar de 400 talheres. Servia um chá, o Earl Grey, que HH também amava, e teve ocasiões que rolava um vinho tinto maravilhoso e fumávamos e conversávamos sobre a vida e a literatura. Nessas ocasiões, eu levava bilhetes e presentes de Hilda para ela, ou passava para pegar algum uísque incrível que ela mandava para HH.

Lembro especialmente de um final de tarde que falamos da Ana Cristina Cesar, que Lygia tinha conhecido em um lançamento do seu premiado "A Disciplina do Amor", de 1980. Eu, que era (e ainda sou) apaixonado pela Ana C., fiz várias perguntas sobre ela. Lygia disse que Ana apareceu de óculos escuros, tímida, que tinha uma presença magnética e que usava na ocasião uma japona enorme de jeans.

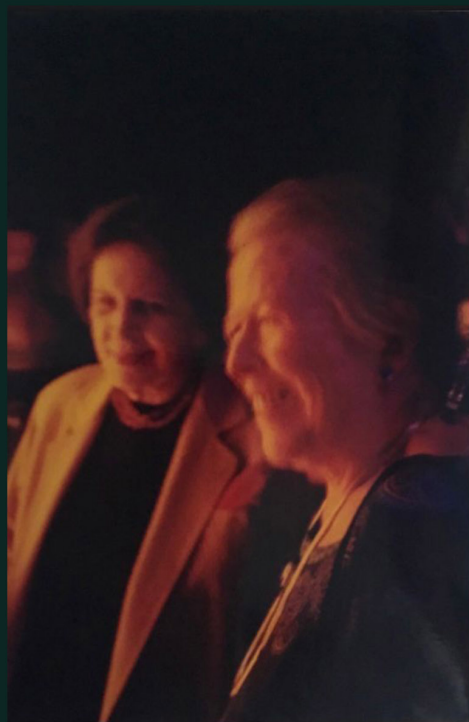
Passamos vários momentos marcantes juntos. Um deles, em 1994, creio, quando a entrevistei em

em Campinas para o jornal no qual eu era repórter de cultura, ou na exposição em homenagem aos 70 anos de Hilda Hilst no Sesc Pompéia, ocorrida em 2000. Nosso último encontro ao vivo foi há 20 anos, em 2002, quando Hilda ganhou o Prêmio Bunge na categoria poesia. Uma noite memorável, na qual bebemos muito uísque com amigos queridos.

Lygia Fagundes Telles é um fundamento da literatura brasileira. Aqui e agora. E para sempre.



JURANDY VALENÇA É POETA, JORNALISTA E CURADOR, ALÉM DE ATUAL GESTOR DA BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE. CEDEU CARINHOSAMENTE ALGUMAS FOTOS DE SEU ACERVO PESSOAL PARA A REVISTA O ODISSEU. OBRIGADO, JURANDY!



FOTOS DE LYGIA FAGUNDES TELLES E HILDA HILST POR JURANDY VALENÇA (ACERVO PESSOAL).

"Eu sei que gosto muito dela, até o fim da vida eu vou gostar. Quero demais morrer segurando a mão da Lygia, porque sei que ela vai entender tudo na hora H. Ela vai dizer: 'Hilda, fica calma e tal que é assim mesmo.' A gente tem uma amizade, sei lá, pode ser até de outras vidas, embora sejamos muito diferentes".

HILDA HILST

“Eu não tenho palavras suficientes, não sei que palavras poderia dizer da Lygia, não tenho as palavras que poderiam dizer da importância dela para minha vida. Tudo o que eu disser será pouco, será muito pouco, será nada. Pois ela foi essencial para o meu amadurecimento como pessoa, como profissional, como artista. Se eu não tivesse, um dia, encontrado “As Meninas”, e depois toda a obra de Lygia Fagundes Telles, eu não seria quem eu sou. Eu não sei quem eu seria. E certamente teria sido alguém bem pior do que sou agora. Lygia foi essencial para minha vida”.

**NILTON RESENDE
ESCRITOR DE “FANTASMA”.
ADMINISTRADOR DA BIBLIOTECA LYGIANA.**



**"Quando a morte olhar nos meus olhos,
disser 'vamos', eu digo 'estou pronta, fiz o
que pude'".**

LYGIA FAGUNDES TELLES
EM ENTREVISTA AO RODA VIVA EM 1996.

NESSA EDIÇÃO MAIS DO QUE
ESPECIAL, AGRADECEMOS A
NILTON RESENDE,
MATEUS SALVADORI
LUCAS CAFRE
TARCILA TANHÃ
JURANDY VALENÇA E, É CLARO,
LYGIA FAGUNDES TELLES.

CONTRIBUA COM A REVISTA O ODISSEU!
MANDA UM PIX PARA:
revistaoodisseu@gmail.com

Qualquer valor nos ajuda a levar em frente
nosso sonho de democratizar a literatura.